

21 ABR 1985

# Fim da orfandade

HUMBERTO QUADROS

— Sei não moça, mas ele botou uma esperança na gente. “Tamo” rezando para Deus salvar ele.

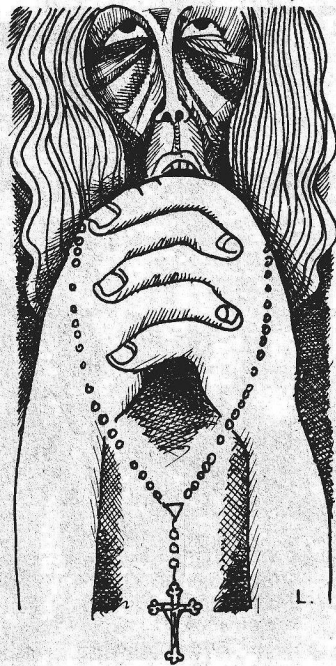
Assim falou à televisão uma mulher de condição aparente de muita humildade, radinho colado ao ouvido, em frente ao Instituto do Coração. Ela era o exemplo vivo da corrente de solidariedade humana que hoje une o Brasil de todos os quadrantes pela preservação da vida e da saúde do presidente Tancredo Neves. E um espetáculo que, para nós que acompanhamos a vida política do País desde 1945, jamais foi visto antes.

Por que esse sentimento tão profundo que emana não só das camadas mais elitizadas mas, sobretudo, de milhões de pessoas que integram o povão?

Não é segredo que o povo brasileiro — nestes 21 anos de governos militares — vivia em estado de orfandade política. Quando a campanha pelas “Diretas já” explodiu nos comícios memoráveis e, sobretudo, depois da derrota da Emenda Dante de Oliveira, o impulso das multidões dirigiu-se à pessoa de Tancredo Neves candidato no Colégio Eleitoral, e as massas populares começaram a sentir que a sua orfandade política estava chegando ao fim.

Tancredo — que jamais fora até então um líder carismático — conseguiu estabelecer com todas as camadas do povo brasileiro uma comunicação tão sincera que logo se firmou entre ele e as massas, uma espécie de casamento. Identificação das mais profundas que já se viu neste País, preenchendo uma lacuna que a supressão das eleições diretas havia aberto na alma do povo.

Então, o que agora se vê, de um lado, é a batalha dramática do próprio Presidente contra a doença, enquanto, de outro, o povo também luta para não per-



der o que alguns já chamam até de pai. E que todos desejam ardentemente superar a orfandade política, sobretudo quando as circunstâncias foram capazes de colocar na crista da vontade nacional a figura excepcional de homem público e ser humano que é Tancredo Neves.

Pode-se, aliás, dizer que tanto a pregação de Tancredo na fase anterior à sua eleição como todos os seus pronunciamentos até a hora do enorme choque provocado pela notícia de sua insuspeitada moléstia tiveram o condão de fecundar as esperanças já amortecidas por tan-

tos anos de decepção e revolta ante o abandono de sucessivos governos pela clamorosa situação de miséria e desespero de extensas camadas do nosso povo.

Dai essa sensação de repentino perigo, de desamparo, que muitas pessoas revelam nestes dias de profunda tensão emocional provocada pela saga trágica da luta de Tancredo Neves contra o pior. E como se, depois de uma busca tão intensa e prolongada pelo encontro de um líder confiável, o povo o tenha localizado. E, antes mesmo de experimentar o efeito de seus atos de governo, ele, esteja na iminência de escapar das mãos e especialmente do coração das pessoas mais simples.

Este é, sem dúvida, um momento de rara beleza na vida brasileira. Mesmo pondo-se de lado o sofrimento que causa na família e no círculo de amigos mais íntimos a luta pessoal do Presidente pela sobrevivência, a verdade é que este lance está pleno de significado não só para os próprios políticos como para todos nós. Dele se extrai a lição de que o coração do povo é um celeiro inesgotável do generoso sentimento de solidariedade. E ele se manifesta aos borbotões quando a alma popular é tocada em suas cordas mais sensíveis.

Mas, para um líder político merecer essa esmagadora demonstração de carinho de toda uma população — que teria amplas razões para encerrar os representantes do poder como pessoas distantes e frias — é indispensável saber sintonizar sua sensibilidade com as mais legítimas aspirações da coletividade. E talvez aí resida o maior mérito do líder Tancredo Neves. Ele soube com extraordinária felicidade falar ao coração de milhões sem voz nem voto, quase lembrando o fenôme-

no Franklin Roosevelt na memorável campanha de 1932 que o levou pela primeira vez à Casa Branca.

Não foi, assim, o drama da doença que fez nascer essa identificação entre Tancredo Neves e o povo. Ela já havia sido estabelecida antes, quando as multidões se reuniram em praça pública para ouvi-lo dizer que o Brasil em breve mudaria, que um País não pode ter regime verdadeiramente democrático enquanto houver fome e miséria em um único lar ou, ainda, que dívida externa se paga com dinheiro e não com a fome do povo. Estas e muitas outras mensagens, expressas em linguagem direta e simples, despertaram milhões de pessoas do sono da desesperança em dias melhores. E, mais que isso, puseram as multidões em movimento. Foi como se o Brasil, de repente, estivesse a praticar a democracia direta ao estilo da Grécia Antiga, quando as leis eram debatidas nas ruas entre os líderes e o povo.

Por tudo isso, é lícito afirmar que a pregação e a sementeira feitas por Tancredo Neves — sobretudo seu exemplo invulgar de conciliador de tendências contrárias, infenso ao radicalismo estéril — constituem já um patrimônio do País. E os frutos de sua obra mal iniciada já se fizeram presentes, inclusive na própria passagem do regime autoritário para o democrático sem qualquer trauma ou anormalidade. O vice José Sarney assumiu a Presidência e nela se encontra com o apoio de todas as correntes. E que sobre todas as cabeças paira a figura estimulante e querida de Tancredo Neves, exemplo vivo de batalhador infatigável pela conquista do melhor para a sociedade brasileira. Esta auréola já o coloca, consagrado, no Panteão dos maiores vultos da história brasileira.